



Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

Unidade de Apoio

OBSERVATÓRIO EMPRESARIAL

BOLETIM ECONÔMICO

Julho de 2009, Ano 1 – Número 3



2009



Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

EXPEDIENTE INSTITUCIONAL 2009

Conselho Deliberativo - Pernambuco

Banco do Brasil - BB

Banco do Nordeste do Brasil - BNB

Caixa Econômica Federal - CEF

Federação da Agricultura do Estado de Pernambuco - Faepe

Federação das Associações Comerciais e Empresariais de Pernambuco – Facep

Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de Pernambuco -
Fecomércio

Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco - Fiepe

Instituto Euvaldo Lodi - IEL/PE

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae

Secretaria de Desenvolvimento Econômico Estado de Pernambuco - SDE

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial do Estado de Pernambuco – Senac/PE

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial-Senai/PE

Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - Senar/PE

Sociedade Auxiliadora da Agricultura do Estado de Pernambuco

Universidade de Pernambuco – UPE

Presidente do Conselho Deliberativo Estadual

Ricardo Essinger

Diretor Superintendente

Nilo Simões

Diretora Técnica

Roberta Correia

Diretor Administrativo Financeiro

Gilson Monteiro

Unidade de Apoio Observatório Empresarial

Angela Miki Saito – Gerente

Ana Cláudia Arruda (texto)

João Alexandre Cavalcanti

Estagiários:

Bruno Collier

Gustavo Valente

2009

BOLETIM ECONÔMICO

Julho de 2009, Ano 1 – Número 3

1. APRESENTAÇÃO	01
2. A ECONOMIA MUNDIAL	01
3. A ECONOMIA BRASILEIRA	02
3.1. PRODUÇÃO INDUSTRIAL	04
3.2. O COMÉRCIO VAREJISTA	05
4. O COMPORTAMENTO RECENTE DA REGIÃO NORDESTE	06
5. A ECONOMIA DE PERNAMBUCO E AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS	06
6. AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (MPE)	10
7. CONCLUSÕES	12

BOLETIM ECONÔMICO – SEBRAE-PE

Julho de 2009, Ano 1 - Número 3.

Texto e Responsabilidade Técnica: Ana Cláudia Arruda¹

APRESENTAÇÃO

O Boletim Econômico é uma publicação bimestral do Observatório Empresarial do SEBRAE-PE, que tem por objetivo apresentar análise sumária e informações sistematizadas sobre a conjuntura e as tendências da economia do Brasil, da Região Nordeste e do Estado de Pernambuco, enfatizando as condições reais dos indicadores macroeconômicos que repercutem sobre as decisões dos agentes econômicos, tais como: nível de ocupação, produção, comércio exterior e tendências prováveis de curto prazo.

Este Boletim é de responsabilidade técnica da economista Ana Cláudia Arruda dos quadros do SEBRAE encarregada de sua redação e busca oferecer aos agentes econômicos, em especial, micro e pequenos empresários, informações úteis para as tomadas de decisões. O Boletim tem como base fontes secundárias de dados e como principais fontes de pesquisas instituições nacionais destacadas como o IBGE, o Ministério do Trabalho - MTE, Banco Central e CONDEPE-FIDEM.

2. A ECONOMIA MUNDIAL

A crise mundial é séria e afetará fortemente o ano de 2009 e o ano de 2010. A crise na esfera financeira mundial contaminou a economia real mundo a fora e vai resultar em: recessão nos EUA, Europa e Japão; redução no ritmo de crescimento do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China). A previsão de duração da fase aguda da crise é de pelo menos 2 anos.

O PIB da União Européia projetado para o ano de 2009 é de -4%; dos EUA é de -4% a -5%; do Japão de -6,6 %. Na China já há retração forte, como a redução de 20,00% no valor das exportações e redução também das importações de matérias-primas, como petróleo e minério e outras “commodities”, que têm afetado para menos os preços desses produtos.

¹ Analista Técnica do Observatório Empresarial do SEBRAE e Professora Adjunta do Departamento de Economia e Administração da Universidade Católica de Pernambuco

Para o Brasil está sendo esperada uma taxa de crescimento para o PIB próximo a 0% em 2009.

O Quadro 1, a seguir, apresenta as projeções de variação anual do PIB dos principais países.

Quadro 1

Variação Anual do PIB

Área	2006	2007	2008	2009	2010
OECD	3.1	2.7	0.9	-4.3	-0.1
EUA	2.8	2.0	1.1	-4.0	0.0
Zona do Euro	3.0	2.6	0.7	-4.1	-0.3
Japão	2.0	2.4	-0.6	-6.6	-0.5
China	11.6	13.0	9.0	6.3	8.5
Mundo	4.3	4.1	2.2	-2.7	1.2

Fonte: OECD Economic Outlook. March, 2009

As principais incertezas quanto ao comportamento da economia mundial nos próximos anos são:

- 1) Qual o padrão de financiamento que prevalecerá no pós crise?
- 2) Qual o modelo de produção e consumo que o mundo (sobretudo o mundo desenvolvido) adotará?
- 3) Que governança global será estabelecida?

São perguntas ainda sem respostas.

3. A ECONOMIA BRASILEIRA

O Brasil, porém, tem posição diferenciada e relativamente favorável nesta grande crise. Em 2008, cresceu 5,6% do PIB; tem reservas internacionais de U\$ 200 bilhões, e, sobretudo, já tinha dado fortes passos no caminho do fortalecimento do seu grande mercado interno.

No que diz respeito ao fortalecimento do mercado interno, as principais medidas adotadas foram:

a) Inflação baixa e controlada, o que permite defender o poder de compra e o consumo da população;

b) Crescimento efetivo do PIB, ou seja, da renda real média da população (5,60% em 2008);

c) Política de crescimento do Salário Mínimo Real, que tem subido sempre acima da taxa de crescimento do PIB, estando hoje cerca de U\$ 210,00, além dos acréscimos legais de 13% salário e férias de 30 dias, vale refeição e vale-transporte;

d) Políticas públicas compensatórias de renda, como o Vale Educação, PETI, Vale Alimentação e a atual “Bolsa Família”.

Esses últimos fatores afetaram positivamente os grupos de baixa renda de grande “propensão marginal ao consumo”, sobretudo de “bens de salário”, particularmente, **alimentos, medicamentos, produtos de higiene doméstica de cama e mesa, material de construção**, etc. que são em grande parte de fornecimento local, com potencial de gerarem mais fortes feitos sobre os mercados das MPE.

Por outro lado, a agilidade do governo em implementar políticas anticíclicas tem sido fundamental para reduzir os efeitos da crise. Entre as medidas anticíclicas de combate à crise destacam-se:

- a) Redução de compulsório;
- b) Financiamento das exportações e dívida externa;
- c) Financiamento a agricultura;
- d) Incentivo à Construção Civil;
- e) Financiamento do Investimento e da Produção (R\$ 10 bi Fundo da Marinha Mercante);
- f) Criação da Caixa Banco de Investimento e CAIXAPAR;
- g) Compra do Banco Votorantim pelo Banco do Brasil (MP 443);
- h) Alteração das alíquotas do Imposto de Renda;
- i) Redução IPI de veículos, material de construção e alguns bens duráveis e redução do IOF em operações de crédito;
- j) Aporte adicional de R\$ 100,0 bi (3,5% do PIB), em 2009, para o BNDES;
- k) BNDES, R\$ 168 bi e PETROBRÁS aumenta programa de investimentos (US\$ 174,4 bi);
- l) Leilão de dólares pelo BC para ACC e leilões para dívida externa privada;
- m) Novo Programa Habitacional – 1 milhão de moradias.

3.1. PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Ventos auspiciosos começam a soprar na economia brasileira, mas ainda é cedo para falar em recuperação. A trilha da retomada do crescimento ainda é tortuosa e escorregadia.

A atividade industrial que foi o setor mais afetado pela crise financeira mundial começou a apresentar sinais de recuperação em seu desempenho, no mês de maio, mas ainda longe de um crescimento sustentável. A taxa de crescimento no mês de maio, ante o mês de abril, foi de 1,3%, acima do esperado, mas abaixo do necessário para recuperar o declínio da atividade nos últimos meses. No acumulado Janeiro-Maio (cinco primeiros meses do ano), de acordo com a Pesquisa Industrial Anual - PIA, Quadro 2, a seguir, as retrações acima da média nacional que foi de -13,9% ficaram no Espírito Santo (-30,1%), Minas Gerais (-22,8%), Amazonas (-17,8%), Rio Grande do Sul e São Paulo (ambos com -14,6%) e Santa Catarina (-14,1%). Registraram taxas negativas, porém abaixo da média, Bahia (-12,5%), região Nordeste (-10,9%), Pernambuco (-9,7%), Rio de Janeiro (-8,7%), Pará (-8,3%), Ceará (-6,3%), Goiás (-5,9%) e Paraná (-3,7%).

O indicador mensal da indústria do Estado de Pernambuco, no mês de maio, registrou taxa negativa de -7,1%. Para o alcance deste resultado, a maior contribuição negativa veio de produtos químicos (-18,9%). No indicador acumulado, nos cinco primeiros meses do ano, a produção industrial pernambucana recuou 9,7%. As previsões dos analistas é que a indústria brasileira encerre o ano com queda de 0,5%.

Quadro 2

**Indicadores Conjunturais da Indústria
Resultados Regionais
Maio/2009**

Locais	Taxa de Variação (%)			
	Mês/Mês *	Mensal	Acumulado Jan-Mai	Acumulado 12 Meses
Amazonas	11,7	-9,5	-17,8	-6,8
Pará	-5,6	-14,1	-8,3	-0,2
Nordeste	1,8	-11,1	-10,9	-5,2
Ceará	-4,3	-6,3	-6,3	-1,1
Pernambuco	0,0	-7,1	-9,7	-3,3
Bahia	7,5	-12,3	-12,5	-5,2
Minas Gerais	1,4	-20,0	-22,8	-10,4
Espírito Santo	-0,6	-29,0	-30,1	-13,7
Rio de Janeiro	0,6	-5,9	-8,7	-2,9
São Paulo	2,4	-11,6	-14,6	-4,5
Paraná	-4,1	-11,9	-3,7	2,5
Santa Catarina	0,6	-10,4	-14,1	-7,2
Rio Grande do Sul	0,6	-8,1	-14,6	-5,7
Goiás	-1,2	-4,8	-5,9	1,8
Brasil	1,3	-11,3	-13,9	-5,1

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

* ajustado sazonalmente

Fonte: IBGE- PIA- Pesquisa Industrial Anual

Nota: Mês/Mês significa maio contra abril. Mensal é a variação em maio deste ano maio do ano passado

3.2. O COMÉRCIO VAREJISTA

A atividade comércio varejista é a atividade econômica que tem se mostrado mais resistente a crise.

Os resultados das vendas do comércio varejista, por grupos de atividades, período fevereiro - abril de 2009, podem ser visualizados na Quadro 3, a seguir, extraído da Pesquisa Mensal do Comércio- PMC - IBGE.

Quadro 3

BRASIL – Volume de vendas do Comércio Varejista e Comércio Varejista Ampliado, segundo grupos de atividades
PMC - 2009

ATIVIDADES	INDICADOR MÊS/MÊS (*)			INDICADOR MENSAL			ACUMULADO	
	Taxa de Variação			Taxa de Variação			Taxa de Variação	
	FEV	MAR	ABR	FEV	MAR	ABR	NO ANO	12 MESES
COMÉRCIO VAREJISTA (**)	1,9	-0,5	-0,2	3,8	1,3	6,9	4,5	7,1
1 - Combustíveis e lubrificantes	2,9	1,1	-0,8	0,8	4,5	3,7	3,2	8,3
2 - Hiper, supermercados, prods. alimentícios, bebidas e fumo	2,9	-0,7	0,8	5,7	-0,2	14,1	6,5	5,5
2.1 - Super e hipermercados	2,5	-0,7	0,3	5,4	-0,7	14,1	6,2	5,3
3 - Tecidos, vest. e calçados	-1,0	1,8	-1,7	-6,9	-8,3	-9,8	-7,5	-1,1
4 - Móveis e eletrodomésticos	-1,5	-2,4	-2,0	-2,1	-0,9	-10,0	-1,6	8,3
5 - Artigos farmacêuticos, med., ortop. e de perfumaria	1,7	1,7	-1,0	12,0	15,7	11,3	12,0	12,8
6 - Equip. e mat. para escritório informática e comunicação	4,9	1,0	8,9	11,2	18,0	27,0	18,1	29,7
7 - Livros, jornais, rev. e papelaria	-9,3	1,5	-2,7	1,9	10,5	-1,4	9,4	10,3
8 - Outros arts. de uso pessoal e doméstico	4,6	0,3	-2,4	10,5	4,7	13,8	8,3	11,3
COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO (***)	3,5	1,4	-4,0	1,6	6,3	-0,8	2,5	6,0
9 - Veículos e motos, partes e peças	1,5	2,5	-5,6	-0,1	17,2	-11,3	1,3	5,1
10 - Material de Construção	3,8	1,0	-3,5	-12,8	-4,3	-15,8	-11,4	0,3

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Serviços e Comércio.

(*) Séries com ajuste sazonal

(**) O indicador do comércio varejista é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

(***) O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10

4. O COMPORTAMENTO RECENTE DA REGIÃO NORDESTE

A região Nordeste nos últimos 2 (dois) anos cresceu mais que a média nacional, sobretudo em decorrência dessas políticas públicas compensatórias de renda supra-citadas, vez que por seu menor nível e onde se concentra perto de 50% da população abaixo da linha pobreza. Para 2010 espera-se que crescerá também nesse mesmo ritmo, sendo a razão principal pelo impacto positivo das políticas compensatórias de renda, como por investimentos pesados do PAC - Plano de Aceleração Econômica, a exemplo de:

- a) *Transposição de Bacias do Rio São Francisco, com investimentos globais de U\$ 5,4 bilhões dos quais 2/3 até 2010;*
- b) *Duplicação da BR 101, afetando mais diretamente RN, PB, PE e AL.;*
- c) *Investimentos da Petrobrás, não só em PE com a Refinaria Abreu e Lima, mas com outros investimentos pesados em outros estados como, no Ceará, com o gasoduto e terminal de fornecimento de gás, de alta capacidade já construída até Pecém;*
- d) *Gasoduto de integração do Espírito Santo até o Pólo de Camaçari /Bahia; havendo previsão de novas Refinarias de Petróleo no R. G. do Norte, no Ceará e no Maranhão;*
- e) *Programa Habitacional do Governo para construção de 01(um) milhão de novas residências, com impacto mais forte no Nordeste, foi afetada mais positivamente por essas medidas.*

5. A ECONOMIA DE PERNAMBUCO E AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

O Estado de Pernambuco apresentou taxa de crescimento do PIB estadual de 6,8% em 2008, superando a média nacional de 5,6%, tendo sido afetado positivamente pelas mesmas razões já mencionadas para o Nordeste, particularmente, as políticas compensatórias de renda citadas, como pelos grandes investimentos do PAC, também já mencionados, e ainda por outros investimentos privados de grande porte neste estado, a exemplo dos grandes projetos privados de SUAPE (M&G, etc.), e de outros, como os da grande fábrica de industrializados de carne da SADIA em Vitória de Santo Antão, e da fábrica de produtos de laticínios da PERDIGÃO. Para o ano de 2009 está sendo esperada uma taxa de crescimento em torno de 3 a 4%.

O Quadro 4, abaixo, apresenta a taxa de Crescimento do Valor Adicionado por Setores Econômicos.

Quadro 4

Taxa de Crescimento (%) do Valor Adicionado por Setores, dos Impostos e do PIB a preços de mercado 2003-2009 (Base: igual período do ano anterior)

Períodos	Agropecuária	Indústria	Serviços	Valor Adicionado (VA)	Impostos	PIB
2003	-7,6	0,4	-0,5	-0,6	-0,6	-0,6
2004	10,1	6,1	3,0	4,2	3,3	4,1
2005	10,0	0,5	4,4	3,8	5,5	4,2
2006	9,3	4,2	4,6	4,7	5,6	5,1
2007*	5,4	6,7	5,5	5,8	6,5	5,9
2008*	6,7	8,4	6,3	6,7	6,9	6,8
1º Trim 09*	0,9	1,3	1,8	1,6	0,9	1,5

Fonte: Agência CONDEPE/FIDEM e IBGE.

(*) Dados preliminares.

Nota: As estimativas trimestrais, conforme a metodologia, contemplam a revisão dos cálculos com base nas informações ajustadas/revisadas pelas fontes.

Observa-se, no acumulado do trimestre, que a taxa de crescimento do PIB foi liderada pela atividade serviços (com destaque para as atividades de Alojamento e Alimentação, Comércio e Serviços Prestados às Empresas), seguida da atividade industrial (influenciada pela construção civil que no trimestre cresceu 20,4%).

Na atividade agropecuária o destaque recaiu sobre a lavoura permanente com destaque para a banana (5,9%) e a manga (1,4%), enquanto a uva apresentou uma variação negativa de 4,4%. As lavouras temporárias tiveram uma redução de 1,0%, refletindo principalmente o comportamento da cana-de-açúcar (-4,0%). A pecuária mostrou um crescimento de 1,5%, com desempenho positivo da bovinocultura (2,2%) e da produção leiteira (1,7%) e avícola (2,0%), enquanto a produção de ovos reduziu-se em 3,8% (CONDEPE-FIDEM, 2009).

O quadro 4, a seguir, extraído do estudo Cenários Alternativos de Pernambuco - SEBRAE-PE 2008 apresenta as quatro alternativas de cenários para a economia de mundial, nacional e para o estado de Pernambuco.

Quadro 5

Quadro Comparativo dos Cenários de Pernambuco

VARIÁVEIS	CENÁRIO A	CENÁRIO B	CENÁRIO C	CENÁRIO D
Contexto Mundial	Ambiente internacional favorável	Dificuldades no ambiente internacional	Ambiente internacional favorável	Dificuldades no contexto internacional
Contexto Nacional	Retomada do crescimento com estabilidade	Crescimento econômico baixo c/instabilidade	Retomada do crescimento com estabilidade	Crescimento econômico baixo c/instabilidade
Fatores endógenos	Políticas públicas ousadas e postura pró-ativa dos empresários	Políticas públicas ousadas e postura pró-ativa dos empresários	Limitadas políticas públicas e postura passiva dos empresários	Limitadas políticas públicas e postura passiva dos empresários
PERNAMBUCO	CENÁRIO A	CENÁRIO B	CENÁRIO C	CENÁRIO D
Competitividade de PE	Crescente	Moderada	Crescente	Moderada
Crescimento do PIB	Acelerado e superior à média nacional	Moderado e pouco acima da média nacional	Moderado pouco abaixo da média nacional	Baixa acompanhando a média nacional
Adensamento produtivo	Amplo	Parcial	Modesto	Limitado
Nível de renda	Forte ampliação	Moderada expansão	Moderada expansão	Baixa ampliação
Mercado interno	Dinamização	Moderada expansão	Moderada expansão	Baixa ampliação
Organização do território	Moderada desconcentração	Manutenção da concentração	Forte aumento da concentração	Moderado aumento da concentração
Qualidade de vida	Melhora	Leve melhora	Manutenção da pobreza	Aumento da pobreza
Estrutura produtiva	Intensa reestruturação c/destaque p/indústria, bio-combustível, serviços avançados logística, turismo e bens de consumo finais.	Parcial reestruturação c/moderada ampliação da indústria, da agropecuária, dos serviços avançados e lenta expansão do turismo.	Parcial reestruturação c/moderada ampliação da indústria, de bio-combustível, dos serviços avançados, da logística, e expansão moderada do turismo.	Limitada reestruturação c/leve ampliação da indústria, da construção civil e do turismo.

Fonte: Cenários Alternativos de Pernambuco, SEBRAE-PE. Observatório Empresarial- 2008

Face aos cenários retro-apresentados e frente às variáveis que estão maturando no atual momento no Estado de Pernambuco, é perfeitamente factível admitir que a trajetória mais provável para o estado seja uma combinação dos cenários A e B. O quadro 6 (que é um mix dos cenários A e B retro-apresentado) apresenta uma síntese do comportamento das principais cenas previstas para o período 2009-2020.

Quadro 6

Trajetória mais Provável de Pernambuco (2009-2020)

VARIÁVEIS	CENA 1 (2009 / 2010)	CENA 2 (2011 / 2020)
Investimento em infra-estrutura	Moderado (PAC realiza 50% do previsto p /PE)	Ampliado a partir de 2012
Investimentos produtivos estruturadores	Complementação de projetos importantes (60% do previsto)	Complementação e ampliação de investimentos
Políticas públicas estaduais	Ampliadas mas fragmentadas (baixa eficácia)	Ampliadas com melhor focalização e eficácia
Postura do empresariado	Iniciativas localizadas e diferenciadas	Pró-ativa e empreendedora
Competitividade	Média e crescente (Média nacional)	Acima da média nacional
Adensamento das cadeias produtivas	Parcial adensamento	Moderado e crescente adensamento
Crescimento do PIB estadual	Moderado e pouco acima do Brasil (4,92%)	Alto e bem acima do Brasil (7,37%)
Participação no PIB do Brasil	2,56%	3,13%
Estrutura produtiva	Leve reestruturação (aumento da indústria e, principalmente construção civil pela implantação)	Intensa reestruturação (aumento da indústria e dos serviços avançados)
PIB per capita	R\$ 7.960,00	R\$ 14.777,00
Renda média	Moderada	Moderada e crescente
Mercado interno	Ampliado com crescimento da renda	Ampliado com o crescimento e a leve desconcentração da renda
Organização do território	Alta concentração regional	Leve desconcentração regional
Qualidade de vida	Leve melhora	Moderada melhora

Fonte: Cenários Alternativos de Pernambuco, SEBRAE-PE. Observatório Empresarial- 2008

Ressalte-se que as projeções dos dados foram baseadas em algumas hipóteses centrais, a saber: **Intensificação na consolidação da infra-estrutura e dos investimentos produtivos; Expansão do efeito renda a partir dos investimentos produtivos; Postura pró-ativa do empresariado e eficácia nas políticas públicas governamentais.** O estudo apoiou-se também, em entrevistas qualitativas com formadores de opinião do Estado de Pernambuco, onde se pôde observar uma grande convergência entre os entrevistados no que diz respeito ao futuro de Pernambuco, visão esta compatível com a trajetória mais provável.

6. AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (MPE)

O principal fator para qualquer projeto grande, média, pequena ou micro empresa é certamente a existência de demanda. Somente havendo demanda pode o serviço ou produto receber aprovação pelo mercado e o produtor receber seu preço ou remuneração que cubra seus custos e enseje a manutenção, sobrevivência e progresso da empresa.

O conceito de demanda efetiva, porém, é um conceito dinâmico. Em alguns casos, a demanda pode ser potencial ou efetiva e em sua grande ou maior parte pode ser estimulada e até criada.

Os economistas clássicos, com grande dose de razão diziam que a “oferta cria sua própria demanda”. De fato isto pode e freqüentemente aconteceu, como ocorreu com as “inovações tecnológicas”, a exemplo da invenção do automóvel, do avião, do telefone, da TV, do liquidificador, da máquina de escrever, do computador (para tantas funções), dos medicamentos modernos, dos novos e complexos processos de tratamento médico (e com tantas outras coisas mais). Se a demanda, por conceito, objetiva atender a necessidade humana, porém, o próprio conceito de necessidade também é dinâmico. Há as necessidades naturais, individuais (respirar, comer, etc.) e sociais (familiares, viver em comunidade, etc.) e as necessidades artificiais, criadas pela cultura, pelo progresso técnico e pela civilização, estas praticamente ilimitadas. Já se disse que “civilizar é criar necessidades”. Novas necessidades como turismo, viagens, teatro, cinema, jornais, música, cântico, fotografias, correspondências, e-mails, internet, dança, esporte, cultura física do corpo, etc., enfim, um campo magnífico imprevisível e ilimitado, que marca o caminho do progresso material da humanidade.

Em nosso contexto econômico-social - marcado por relativa baixa-renda, grande desigualdade social, grande desemprego e grandes carências sociais - as MPE têm funções

limitadas. Não têm recursos (técnicos, pessoais ou financeiros) para fazerem grandes pesquisas e grandes inovações tecnológicas, e precisam de recursos no curto prazo para sua sobrevivência. Daí, dependerem fundamentalmente da demanda efetiva e solvente de curto prazo, que é função notadamente dos seguintes fatores:

- a) **Nível e ritmo de crescimento da renda global ou “per capita”:** Que é fator determinante da chamada demanda efetiva ou solvente, ou seja, da demanda armada do “poder de compra”, que é o que conta para quem quer vender algum serviço ou produto;
- b) **Hábitos de consumo normais e extraordinários (“idiossincrasias” do consumidor);**
- c) **Tamanho e taxa de crescimento da população:** Que afeta especialmente o consumo de alimentos. No caso brasileiro com o aumento do Salário Mínimo Real, Aposentadoria Rural (afetada positivamente por um salário mínimo de maior valor real) e programas públicos compensatórios como Bolsa Escola, o PETI, o Bolsa Alimentação e o Bolsa Família, resultaram em forte crescimento dos chamados “bens de salário”, isto é, alimentos e outros bens de consumo essenciais;
- d) **Preços relativos e qualidade dos produtos e serviços:** ter preços competitivos, momente entre as MPES, onde é grande a competição;
- e) **Publicidade e “marketing”:** Fator fortíssimo, que leva à dinamização da demanda de um produto ou serviço, às vezes em substituição e outro;
- f) **Demanda derivada de terceirização:** Este é um dos mais dinâmicos e importantes fatores para as MPE. Trata-se do mercado gerado pelas grandes e médias empresas, que passam a contratar fornecimento de produtos complementares, insumos e serviços de apoio junto a MPE.

A grande vantagem é a “demanda cativa”, isto é, demanda segura, mediante contratos de terceirização”, destinados ao fornecimento, normalmente de médio prazo, de serviços complementares, insumos e produtos intermediários, que não fazem parte do “foco” ou atividade principal da grande empresa. Aí a está grande variedade de atividades para as MPE, e, nas economias fortes, é fator de segurança e dinamização das micro e pequenas empresas. Estão aí serviços desde fornecimento de refeições; segurança; transporte de pessoal (ônibus, táxi, etc.); transporte interno por empilhadeiras; manutenção predial e de instalações

elétricas e hidráulicas; limpeza e jardinagem; assistência médica (ambulatório na fábrica e em consultórios, planos de saúde, etc.), assistência jurídica (direito do trabalho, comercial, tributário, civil penal, etc.), arquitetura, engenharia civil, assessoria econômica, etc.

7. CONCLUSÕES

À vista das análises apresentadas, acredita-se, que se pode chegar, resumidamente, as seguintes conclusões:

- a) A crise econômica global é grave e seus efeitos se mostram mais intensos na atividade industrial que em outros segmentos;
- b) Os investimentos industriais em curso permitirão efetivar e dinamizar o potencial industrial estadual. Para consolidar e maximizar os benefícios macroeconômicos desses investimentos, o grande desafio é construir uma estratégia de integração com as cadeias produtivas existentes dentro do Estado e a integração entre a grande e pequena empresa, de forma a fazer com que parte dos empregos diretos e indiretos gerados por esses grandes projetos fiquem em Pernambuco;
- c) A trajetória de comportamento econômico do estado depende das respostas da economia brasileira à crise global. Por outro lado, como existe no estado de Pernambuco, um conjunto de projetos em fase de maturação, a taxa de crescimento esperada deverá se manter acima da média nacional;
- d) Atrelado ao conjunto de investimentos previstos para o Estado de Pernambuco é de máxima urgência o investimento no nível de escolaridade (sobretudo no ensino médio e fundamental), bem como a inovação tecnológica e a qualificação na mão de obra, devendo o governo ser o principal agente indutor;
- e) Os desafios enfrentados pela economia do estado de Pernambuco exigem a competitividade do setor privado e a eficiência do setor público, ou seja, políticas públicas amplas, combinadas com uma postura pró-ativa e empreendedora do empresariado pernambucano.